

LÍNGUA PORTUGUESA: FORMAS PRÁTICAS DE ENSINO PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.

Graduando Rodrigo Milhomem de Moura (UEPA)¹
Professora MSc. Lucilei Martins de Oliveira (UEPA)²

RESUMO

O ensino de Língua Portuguesa (LP) tem se caracterizado exclusivamente pelas práticas doutrinárias e arbitrarias do ensino de gramática, a realidade e o contexto do aluno não são levados em consideração, dificultando assim, o processo de ensino aprendizagem. Na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), isso fica ainda mais perceptível. A finalidade deste trabalho é chamar a atenção para formas mais simples de apreensão da língua materna, onde a opinião e o contexto sociocultural do estudante são levados em consideração. Algumas práticas indicadas serão a importância da escolha da leitura e da escrita partindo da realidade socioeconômica em que os alunos estão inseridos. Este trabalho é parte integrante do projeto de extensão Programa de Iniciação Científica da Universidade do Estado do Pará (UEPA), é desenvolvido com os alunos da EJA em uma escola no município de Conceição do Araguaia – PA. Durante os estágios em sala de aula foi possível conhecer melhor a realidade dos alunos e identificar as dificuldades quanto à produção textual. Observou-se também que o trabalho com a gramática contextualizada, isto é, o uso da língua, trabalhando textos que fazem sentido para o aluno e que circulam socialmente.. Para tanto, tem-se como principais aportes teóricos Antunes (2003), Paulo Freire (1999, 2003) e Travaglia (2009).

Palavras – Chave: Língua Portuguesa; Educação de Jovens e Adultos; Leitura; Escrita.

ABSTRACT

The teaching of the Portuguese language (LP) has been characterized exclusively by doctrinal and arbitrary practices of teaching grammar, reality and context of the student are not taken into consideration, making the teaching learning process. On mode of youth and adult education (EJA), it becomes even more noticeable. The purpose of this paper is to draw attention to simpler forms of seizure of the mother tongue, where the opinion and the sociocultural context of the student are taken into consideration. Some practices listed will be the importance of the choice of reading and writing from the socioeconomic reality in which students are entered. This work is an integral part of the project of Scientific initiation program extension of the Universidade do Estado do Pará (UEPA), is developed with the students in a school of adult and youth education in the municipality of Conceição do Araguaia-PA. During the stages in the classroom it was possible to meet better the reality of the students and identify the difficulties regarding the textual production. We also observed that the work with the grammar in context, that is, the use of language, working texts that make sense for the student and circulating socially.. To this end, has as main theoretical Antunes (2003), Paulo Freire (1999, 2003) and Travaglia (2009).

Keywords: Portuguese; Adult and youth education; Reading; Writing.

¹ Graduando do Curso Licenciatura Plena em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará(UEPA) contato: rodrigomilhomem96@hotmail.com

² Docente graduada e mestre pela Universidade Federal do Pará (UFPA), professora efetiva pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Contato: lucileimartins@hotmail.com

1- Considerações Iniciais

Viver em um moderno onde as novas tecnologias estão tomando conta das atividades diárias tem feito com que muitos jovens e adultos retornem as escolas para concluírem ao menos o ensino básico e assim tentarem atender as novas demandas do século XXI, que requerem do indivíduo domínio da leitura, escrita e ainda saber se posicionar adequadamente diante de questões rotineiras, para não terem seus direitos cidadãos violados.

No entanto, os alunos da Educação de Jovens e Adultos enfrentam grandes dificuldades ao retomarem os estudos, principalmente no que diz respeito à apreensão da língua materna, pois muitos profissionais apresentam métodos obsoletos (tradicionais) de repassar o conteúdo e se prendem apenas ao ensino de regras soltas e fragmentadas.

Este trabalho propõe um estudo acerca do ensino de Língua Portuguesa, voltado para métodos mais atuais e que são tidos como mais eficazes, tem-se por finalidade chamar a atenção para formas mais simples de apreensão da língua materna, onde a opinião e o contexto sociocultural do estudante são levados em consideração, principalmente no que diz respeito ao ensino de EJA. Algumas práticas indicadas serão a importância da escolha da leitura e da escrita partindo da realidade a qual os alunos estão inseridos.

2- Contextualização da Educação

A educação no Brasil no século XVIII era um privilégio de poucos, visto que, somente a classe dominante (elite) tinha acesso e podia usufruir desse benefício. Quem não era alfabetizado estava excluído de outros direitos que asseguravam sua cidadania, como por exemplo, o direito de escolher seus representantes políticos, pois o voto era assegurado somente para os grandes proprietários de terras conhecidos como "homens bons".

Mais tarde com advento do capitalismo e a constituição da sociedade moderna a educação foi se configurando como um instrumento de conquista da liberdade, da participação e da cidadania (ARROYO, 1993). Foi trilhando esse caminho, principalmente nos últimos séculos, que a educação passou a condicionar o destino das pessoas, verifique a afirmação abaixo:

A educação passou a ser pensada como mecanismo central na constituição da nova ordem social, ela se tornou um dos mecanismos de controle dessa nova ordem social: será aceito qualquer homem como sujeito de participação no convívio social, mas apenas os civilizados, os racionais, os modernos, os de espírito cultivado, os instruídos e educados. Somente será reconhecido apto a participar como sujeito social e político quem tiver vencido a barbárie, a ignorância, quem tiver aprendido a nova racionalidade, quem tiver sido feito homem moderno (ARROYO, 1993, p. 37).

Mesmo nessa concepção de "igualdade" não se conseguiu garantir esse direito a todos os cidadãos, pois a preparação se dava através da educação que é um processo lento e demorado. Dessa forma enquanto todos não

estiverem em igual condição, “uma minoria sábia, esclarecida, moderna e racional governará e decidirá por todos e para o bem de todos” (ARROYO, 1993, p. 38). Havia por trás dessa ideologia a necessidade de fazer a maioria da população acreditar que é incapaz de saber, fazendo uma seleção “natural” das pessoas capazes de governar e ser governado, “[...] a capacidade de pensar, agir racionalmente, de ter idéias, é pré-condição para ter direito a ser membro do corpo político” (ARROYO, 1993, p. 44).

Essa luta foi acirrada a partir da década de 1960 pela defesa da escola pública para todos. Esse movimento ganhou muitos adeptos e durante a segunda metade do XX, até a década de 1990, a taxa de analfabetos no Brasil sofreu uma queda vertiginosa de 64,9% em 1920 para 13,6% em 2.000 (FERRARO, 2002, p.34). Porém, é necessário ressaltar que ao mesmo tempo que caiu o número de analfabetos brasileiros a taxa populacional cresceu significativamente, portanto, criou-se um paradoxo diminuiu a taxa de analfabeto ao mesmo tempo que aumentou o número de brasileiros analfabetos.

Essa situação despertou o interesse de autores como Leon & Menezes-filho (2002) e Ferraro (2002) em aprofundar esse assunto com o intuito de nortear caminhos com vistas a amenizar ou quiçá solucionar esse problema. As pesquisas demonstraram que mesmo com a democratização da Educação a “relação da escola com os meios populares é de exclusão e fracasso” (ROJO, 2009, p. 15). Para o referido autor mesmo com a universalização da educação no Brasil, a metade da população brasileira ainda está muito distante de uma escolaridade de longa duração e significativa. Isso ocorre devido ao baixíssimo nível educacional, aliado a falta de prioridade para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) que é a modalidade de ensino que possui o maior índice de evasão escolar.

Dessa forma para o século XXI tem-se dois grandes problemas educacionais “[...] evitar a exclusão escolar e tornar a experiência na escola um percurso significativo em termos de letramentos e de acesso ao conhecimento e à informação” (ROJO, 2009, p. 23). Dito de maneira simplória por muitos o grande problema da educação hoje consiste no desafio da qualidade do ensino nas escolas públicas brasileiras.

3- Gramática: Um olhar além dos muros da escola

A gramática apresenta várias finalidades e uma delas é fazer com que os indivíduos dominem adequadamente a norma padrão da língua portuguesa, utilizando-se de uma linguagem rebuscada e culta na oralidade em adequação aos mais diferentes contextos aos quais estão inseridos e na escrita para as diversas produções textuais. Mediante Travaglia (2009, p. 24) a gramática “[...] é concebida como um manual com regras de bom uso da língua a serem seguidas por aqueles que querem se expressar adequadamente”.

Sem perceber, estamos a todo tempo utilizando os aspectos gramaticais no nosso âmbito diário. Afirma Antunes (2003, p. 119) que a gramática:

[...] não entra em nossa atividade verbal dependendo de nosso querer: ela está lá, em cada coisa que falamos em qualquer língua, e é uma das condições para que uma língua seja uma língua. Não existe a possibilidade alguém falar ou escrever sem usar as

regras da gramática da língua.

Por esse fator, querendo ou não, todos nós estamos em constante contato com a gramática no nosso dia a dia, pois para a comunicação e atividade escrita, necessitamos organizar frases, sentenças, orações, até formar textos, e eles devem fazer sentido para o interlocutor, caso não haja esse sentido, a mensagem não será bem transmitida e a comunicação será prejudicada, bem como na escrita, que não haverá entendimento do texto. A gramática adentra a esse contexto, sendo uma mediadora na construção do sentido e para facilitar a comunicação escrita e oral entre falantes.

Entretanto, os tempos vão se passando e o que ainda tem permanecido nas aulas de língua portuguesa é o ensino doutrinário e fragmentado de regras gramaticais:

[...] Predominantemente *prescritiva*, preocupando apenas com marcar o “certo” e o “errado”, dicotomicamente extremados, como se falar e escrever bem fosse apenas uma questão de falar e escrever corretamente, não importando o que se diz, como se diz, quando se diz, e se tem algo a dizer. Por ser uma gramática, professores e alunos só vêem a língua pelo prisma da correção e, o que pior, deixam de ver os outros muitíssimos fatos e aspectos lingüísticos (os fatos textuais e discursivos, por exemplo), realmente relevantes (ANTUNES, 2003, p. 33).

Esses métodos obsoletos, que não levam em consideração o posicionamento dos alunos, e os conhecimentos que já trazem de bagagem de mundo e que necessita ser transformado em conhecimento científico, tem se tornado a única ferramenta de repasse dos conteúdos, o que tem feito com que muitos estudantes se desmotivem com as aulas de português.

A apreensão efetiva do aluno no ensino da gramática depende muito das práticas pedagógicas dos professores de língua portuguesa, pois pesquisando, adaptando métodos, aprimorando técnicas um educador terá maiores chances de cativar seu aluno e assim com maior facilidade repassar o conteúdo, obtendo êxito no ensino, pois "as qualidades e virtudes são construídas por nós no esforço que nos impomos para diminuir a distância entre o que dizemos e fazemos" (FREIRE, 1996, p.72).

Mas para alcançar realmente essas “virtudes”, ele deverá apresentar um novo aspecto, este do professor “pesquisador, que, com seus alunos (e não “para” eles), produz conhecimento, o descobre e o redescobre. Sempre”. (ANTUNES, 2003, p. 36).

O professor de língua portuguesa deve deixar claro para o aluno, que a gramática permeia o cotidiano dele, desde amanhecer até ao anoitecer e que ele deve aprimorar este conhecimento, para utilizá-lo com maior facilidade no seu dia a dia. Deve mostrar que está muito além apenas das salas de aulas.

Para trabalhar os conteúdos pertinentes ao ensino de LP deve-se contextualizá-los, explicando para os alunos qual sua importância, quando vão utilizá-los de que forma e para quê, devemos está ciente do seu intuito, para podermos situar o que queremos trabalhar. A esse respeito, Antunes (2003, p.110) aborda que:

Se o texto é o objeto de estudo, o movimento vai ser ao contrário: primeiro se estuda, se analisa, se tenta compreender o texto para (no todo e em cada uma de suas partes – sempre em função do todo) e, para que se chegue a essa compreensão, vão-se ativando as noções, os saberes gramaticais e lexicais que são necessários. Ou seja, o texto é que vai conduzindo nossa análise e em função dele é que vamos recorrendo a determinadas gramaticais, aos sentidos das palavras, ao conhecimento que temos da experiência, enfim.

Por esse motivo, o trabalho contextualizado é fundamental para que os jovens e adultos apreendam e não tenham tantas dificuldades de aprendizagem, é importante partir da realidade deles, do contexto ao qual estão inseridos, isto é, pegando elementos referente ao cotidiano vivenciado por eles e transformando-os em conhecimento científico. Pois o que eles “sabem é utilizar as regras de uso das unidades, embora desconheçam os nomes que as unidades têm e que as classes pertencem” (ANTUNES, 2003, p.86).

4- EJA e ensino de gramática

Os alunos de EJA passam por diversos problemas durante sua jornada escolar, uma vez que muitos estiveram bastante tempo longe da escola e quando voltam enfrentam enormes dificuldades na adaptação aos conteúdos, principalmente se tratando dos de Língua Portuguesa que se até como vimos ao ensino das regras gramaticais.

Esses alunos vêm de uma carga exaustiva de trabalho, deixam suas famílias em casa e ainda por cima muitos moram nas periferias das cidades o que agrava ainda mais a situação. O cansaço, o estresse, a preocupação e o medo fazem com que esses alunos tenham maior dificuldade de aprendizagem, desse modo, se faz necessário rever os métodos de ensino para que não haja evasão destes alunos, pois é “ [...] pensando a prática de hoje ou de ontem, que se pode pensar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática” (Freire, 1997, p. 43-44).

No entanto, para adquirirem essas competências os educadores terão que desenvolver práticas constantes de pesquisa, para ajudar desenvolver as habilidades em seus alunos dentre elas, a leitura, para que eles leiam e realmente ler (leitura crítica) e a escrita que terá que levar em consideração os aspectos gramaticais, que tem sido bastante cobrado pela sociedade, pois quem domina a leitura, isto é, interpreta adequadamente e leva em consideração as normas gramaticais para escrita, está “acima de muitos” no quesito prestígio e valorização.

5 - Importância das escolhas da leitura e escrita para o ensino eficaz de Língua Portuguesa.

A Leitura é uma ferramenta de fundamental importância para o bom desenvolvimento da escrita, Cagliari (1998, p. 4) aborda que “se uma pessoa não souber ler, o ato de escrever será simplesmente cópia sem significado”. Por isso, o professor ao planejar suas aulas, deverá escolher com grande precisão as leituras que serão apresentadas, pois, caso não faça sentido para o aluno, não terá impacto positivo na aprendizagem, e sim, reflexos negativos que intensificam ainda mais as dificuldades quanto a essa habilidade. Seguindo esse

pressuposto, de acordo com Antunes (2003, p.20):

[...] O aluno se vê frustrado no seu esforço de estudar outras disciplinas e, quase sempre, “deixa” a escola com quase inabalável certeza de que é incapaz, de que é linguisticamente deficiente, inferior, não podendo, portanto, tomar a palavra ou ter voz para valer seus direitos, para participar ativamente e criticamente daquilo que acontece à sua volta. Naturalmente, como tantos outros, vai ficar à margem do entendimento e das decisões de construção da sociedade.

Dessa forma, muitos estarão condicionados a um estado de alienação. Para que esses adventos não ocorram ainda mais, é necessário que o professor adapte diretrizes pedagógicas que guiem sua prática, trabalhando leituras que irão atingir de forma positiva o aluno, se moldar a realidade deles, colocando conteúdos os quais eles já têm domínios prévios. Afinal, como irão compreender o que não vivenciam? Já que “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e contexto” (FREIRE, 2006, p.11)

Por conseguinte, depois de trabalhar assuntos relacionados à realidade deles, segundo Bamberger (2000) deve ser apresentada a leitura de novos textos, pois essa é a única maneira de estabelecer uma relação entre leitor e ouvinte e o interesse do conteúdo, onde se faça também uso de leitura motivadora que sobrepujará aos poucos a leitura accidental. Pois “(...) a discussão dos livros traz luz a que o livro ofereceu a cada leitor”.

Têm-se o objetivo de difundir bem a escrita entre os estudantes, onde estes estabeleçam a grafia adequada das palavras, apresentando domínio sobre os mais variados temas, no entanto, isso só é possível com a prática constante e a assiduidade na habilidade leitura.

Após essa discussão, pode-se dizer que a atividade escrita na EJA deverá ser introduzida discretamente, isto é, professor primeiramente deverá pedir uma atividade textual simples, de como é o cotidiano do determinado indivíduo, o que acontece no seu bairro, no seu trabalho, questões que são pertinentes ao seu dia a dia, por exemplo. E a partir do momento que começarem criar gosto pela escrita, ou pelo menos entenderem como funcionam as formas de produção, eis então, o momento de intensificá-la mais e mais, até que o estudante se torne um produtor assíduo de textos.

Outro fator interessante que Tardelli (2002) apresenta, é a questão de não ter uma divulgação dos textos dos alunos, isto é, o professor é o único interlocutor. Seria importante o docente incentivar a divulgação dos textos produzidos por seus alunos, desde que devidamente corrigidos pelo docente e pelos alunos, posteriormente a escrita poderá ser mais bem desenvolvida pelos estudantes.

6- Considerações Finais

A gramática tem que ser trabalhada de forma contextualizada, não só retirando frases dos textos e trabalhando-as soltas, mas concretizando realmente o uso da língua, ou seja, trabalhando textos que fazem sentido para o aluno e que circulam socialmente.

A leitura neste contexto é importantíssima, uma vez que é através dela que se adquire um vasto acervo vocabular, propriedades durante a escrita, modalização do discurso durante a fala e facilita o entendimento quanto à interpretação. E a escrita é assume grandes proporções, pois é onde são encontradas maiores dificuldades pelos discentes, mas sendo trabalhada da forma “correta” (contextualizada) é apreendida com maior facilidade. E não se pode desassociar as duas, pois ambas andam interligadas.

Conforme o que foi apresentado, pode-se dizer que o estudo possibilitou um maior conhecimento de ensino da Língua Portuguesa, abordando formas mais simples e práticas que possibilitam uma aprendizagem mais eficaz aos alunos de todas as modalidades de ensino, em especial os de EJA.

7- Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

BUFFA, Ester; ARROYO, Miguel; NOSELLA, Paolo. **Educação e cidadania: quem educa o cidadão?** São Paulo: Cortez, 1993.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o ato de ler**. 7 ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

TARDELLI, Marlene Carboni. **O ensino de língua materna: interações em sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2002.